

A experiência de mediação teatral em um projeto com jovens estudantes do Ensino Fundamental

William Fernandes Molina ¹
PPGAC/UFRGS

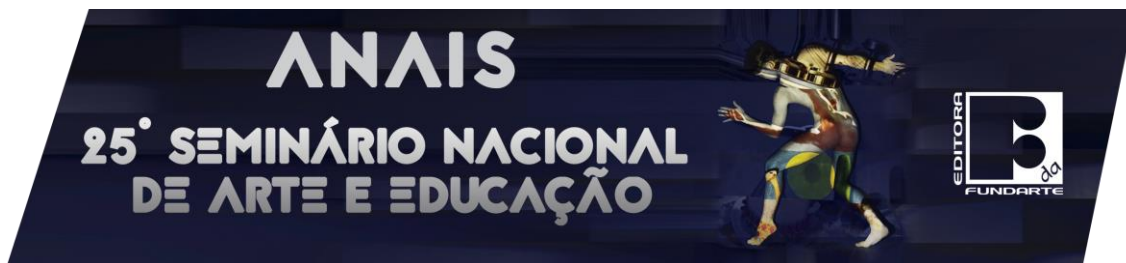
RESUMO: O texto resume parte da pesquisa desenvolvida pelo autor nos anos de 2014 e 2015 e que deu origem a sua dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC/UFRGS). O objeto de estudo analisado foi uma iniciativa de formação de espectadores que teve como sujeitos um grupo de jovens estudantes de uma escola pública municipal da cidade de Sapucaia do Sul/RS. A proposta da ação foi possibilitar um processo de educação de espectadores partindo da prática teatral, que conduziu à assistência a espetáculos para, por fim, oferecer oficinas de teatro orientadas pelos jovens às pessoas da comunidade. A experiência pensada nos três níveis descritos pretendeu expandir a experiência teatral dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Mediação Teatral; Experiência; Ensino Fundamental.

Este texto apresenta um breve relato da pesquisa que empreendi durante o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC/UFRGS), concluído no ano de 2016 e que teve orientação do Dr. Clóvis Dias Massa. A pesquisa intitulada “Jovens Formadores para Novos Espectadores: uma experiência expandida em Teatro, Mediação e Educação” tomou como objeto de estudo um projeto de formação de espectadores teatrais realizado junto a um grupo de estudantes do Ensino Fundamental.

O Projeto “Jovens Formadores para Novos Espectadores” (JFNE) foi uma *ação teatral* que, durante sete meses do ano de 2014, pretendeu

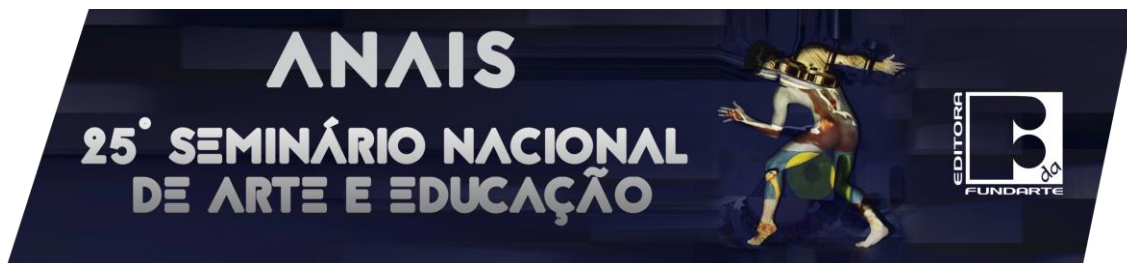
¹ Doutorando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC/UFRGS). Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFRGS (2016). Graduado no curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro. Especialista em Pedagogia da Arte pelo Grupo de Estudos em Teatro, Educação e Performance (GETEPE) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013). Atualmente é professor na rede municipal de Educação da cidade de Canoas/RS.



promover o acesso teatral no seu sentido mais amplo a um grupo de onze estudantes de Ensino Fundamental (8º e 9º anos). Os participantes, ao final do processo, orientaram encontros de prática teatral dirigidos a outras pessoas. O Projeto teve como campo a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Plácido de Castro, localizada na cidade de Sapucaia do Sul/RS, lugar onde, por quase dois anos, atuei como professor na disciplina de Artes. Além das dependências da escola, um salão paroquial localizado em frente ao colégio serviu de espaço para os encontros semanais com o grupo. O “JFNE” contou ainda com o apoio da empresa Gerdau S.A. sediada no mesmo município e que, através de seu Programa de Responsabilidade Social, concedeu um auxílio financeiro para a realização da proposta, verba que assegurou, principalmente, as viagens e a compra dos ingressos para os seis espetáculos assistidos pelos participantes do Projeto no ano de 2014.

Uma das intenções com o “JFNE” foi colocar em prática o conhecimento ao qual tive acesso em estudos anteriores referentes à formação de espectadores, propondo uma iniciativa que ao mesmo tempo em que pusesse os participantes em contato com a apreciação teatral, ao oportunizar a frequência ao teatro, pudesse, a partir da prática teatral em oficinas, estimular o conhecimento da linguagem da cena e tornar mais próxima e familiar a relação dos sujeitos com as obras artísticas, para se tornar, assim, uma *experiência expandida em Teatro*. Nesse sentido, busquei acrescentar à reconhecida noção de atividade do olhar o conhecimento do saber-fazer teatral como forma de potencializar a experiência de ser espectador em um processo pensado como de mediação teatral.

A pesquisa realizada investigou as formas pelas quais as experiências de fazer, assistir e mediar teatro, quando aliadas, podem vir a colaborar para uma formação mais ampla do espectador. Dito de outra forma, a pesquisa procurou responder à seguinte questão: que contribuições a atividade e experiência de jovens estudantes com o fazer, o assistir e o mediar teatro



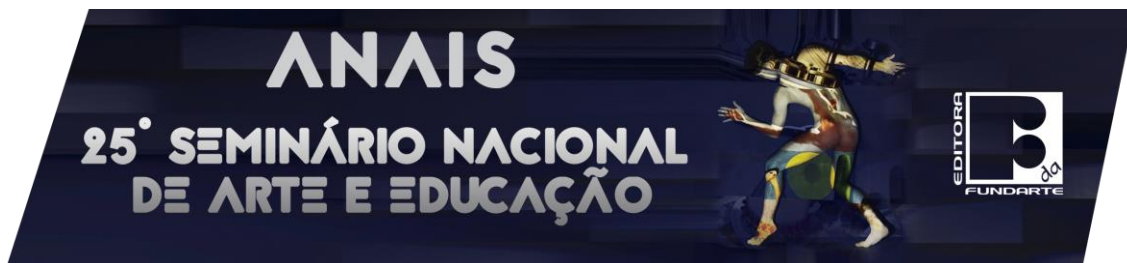
podem trazer para as suas formações enquanto espectadores teatrais, agentes culturais e sujeitos autônomos?

Dessa forma, neste relato da pesquisa que aqui apresento, descrevo e analiso brevemente como se desenvolveu esta ação de formação de espectadores, que peculiaridades ela apresentou pelo fato de estudantes ocuparem o lugar de mediadores no contato entre outras pessoas e o teatro e de que modos contribuiu para a formação dos sujeitos envolvidos.

O Projeto e os participantes

A ideia que tive ao elaborar o projeto que deu origem ao “JFNE” foi a de trabalhar com a formação de espectadores teatrais no âmbito escolar. Desse modo, foram referências principais os trabalhos dos professores e pesquisadores Flávio Desgranges, Ney Wendell e Fernanda Marília Rocha. Porém, com vistas a oferecer o duplo acesso teatral a mais pessoas, além dos estudantes do colégio, a intenção sempre foi a de realizar o Projeto em duas fases. A primeira delas contaria com a oferta de idas ao teatro e de oficinas teatrais aos estudantes interessados. Em seguida, os participantes dessa etapa de “formação” orientariam encontros de prática teatral direcionados a outras pessoas, transformando-se em mediadores do contato entre novos espectadores e o teatro. Além de formar um grupo de alunos-mediadores e oferecer o acesso físico a espetáculos teatrais aos participantes, promover melhorias no salão paroquial onde o Projeto teve sede foi um dos objetivos específicos da iniciativa.

Na definição do número de vagas para os participantes do Projeto, decidi que deveriam ser, no máximo, doze, visto que realizaríamos viagens até a cidade de Porto Alegre/RS para assistir a espetáculos teatrais tendo como meio de transporte uma van. Onze estudantes da escola que já tinha sido meus alunos nas aulas de Artes em anos anteriores se inscreveram e, ao longo Projeto, tiveram encontros semanais de prática teatral em oficinas orientadas



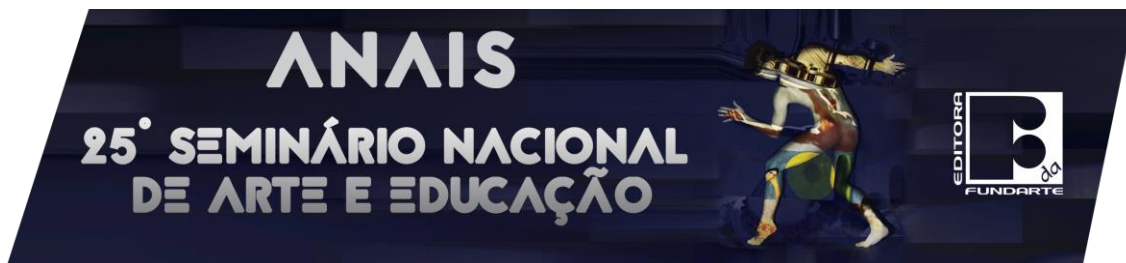
por mim. Nos encontros, a metodologia de ensino foi baseada nos *jogos teatrais* de Viola Spolin, principalmente, além de outras práticas que iam sendo desenvolvidas tendo como inspiração os espetáculos assistidos².

Inicialmente a intenção era a de que o público a ser atendido na segunda fase da ação fosse composto por estudantes de outras escolas próximas. Porém, demandas de disponibilidade de tempo de organização e escolhas próprias foram surgindo e alteraram o público participante do segundo momento do “JFNE” que, por fim, foi formado por algumas senhoras do bairro que já desenvolviam outras atividades no salão paroquial em frente à escola campo do Projeto. Em encontros semanais de uma hora de duração que aconteceram à tardinha no salão paroquial, os jovens se colocaram como orientadores de atividades e jogos teatrais que tinham vivenciado, compartilhando sua experiência com as senhoras participantes.

O olhar e a experiência do espectador

Durante a pesquisa, a análise dos materiais produzidos e coletados (diários de campo, entrevistas, grupos focais) foi realizada à luz das perspectivas de três autores, principalmente. Um deles foi Jorge Larrosa (2002) que aborda em seus estudos a noção de experiência como aquilo que *nos* passa. Conforme Larrosa (2003), a experiência deve ser pensada sob a ótica da paixão e o sujeito da experiência precisa manter o princípio da receptividade, da abertura àquilo que lhe passa, características que lhe permitem descobrir a sua fragilidade e sua ignorância. Consciente desse estado receptivo, a experiência lhe chegará mais facilmente. Desse modo, o que põe o espectador em um verdadeiro estado de receptividade não é a sua falta de atividade, como pode sugerir o termo *passividade*, mas a sua paixão, a sua *passionalidade*.

² Os seis espetáculos assistidos, em ordem cronológica, foram: “O Feio” (ATO Cia. Cênica), “Para sempre Terra do Nunca 2 – A volta dos que não foram” (Cia. teatro Novo), “Adolescer” (Cia. Déjà-vu), “Boca de Ouro” (Cia. Teatro Vestíbia), “Santo Qorpo ou O louco da Província” (Cia. Santo Qoetivo) e “Lombay” (Coletivo Das Flor).

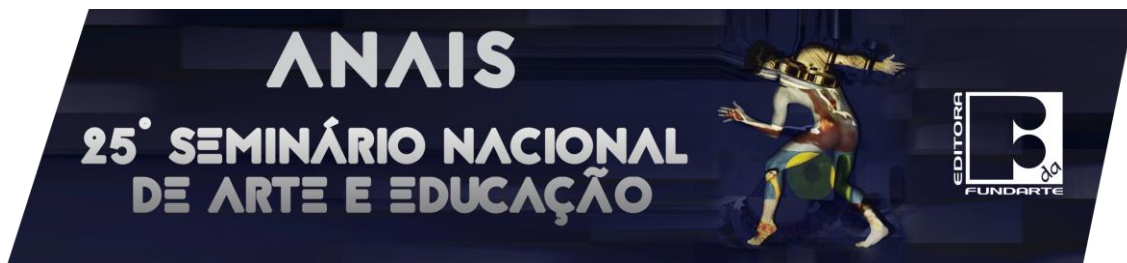


As noções de atividade do olhar do espectador e de emancipação cultural, por sua vez, têm como referência Jacques Rancière. De acordo com Rancière, *olhar* pressupõe uma série de atitudes que conferem atividade ao observador. Para ele:

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe seu próprio poema com os elementos do poema que tem diante de si. [...] Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto (RANCIÈRE, 2012, p.17).

Desse modo, em uma perspectiva de emancipação intelectual (RANCIÈRE, 2012), no momento de uma realização cênica qualquer não existe distância entre o saber do público e o dos artistas. Acredita-se, portanto, em uma igualdade das inteligências. O espetáculo ocupa a posição de um objeto alheio tanto aos artistas quanto aos espectadores e não pressupõe uma única compreensão, diferentemente da lógica do embrutecimento na qual haveria igualdade entre causa e efeito, ou seja, entre o desejo do encenador e a recepção do público. *Olhar*, em uma lógica emancipadora, surge como uma ação capaz de transformar, comparar e reconfigurar aquilo que é visto.

E para abordar a formação de espectadores, busquei informações nas pesquisas de Flávio Desgranges. Segundo o autor, há uma grande diferença entre projetos de formação de público e de formação de espectadores. Se no primeiro tipo o que se quer é aumentar o número de pessoas que vão ao teatro, ou seja, que o frequentam, no segundo há a preocupação de proporcionar aos espectadores o contato com a linguagem teatral para que a experiência se torne mais ampla (DESGRANGES, 2011). Desse modo, atividades realizadas antes, durante e depois da ida a espetáculos teatrais são capazes de expandir o conhecimento dos observadores e potencializar a relação que terão com a obra.

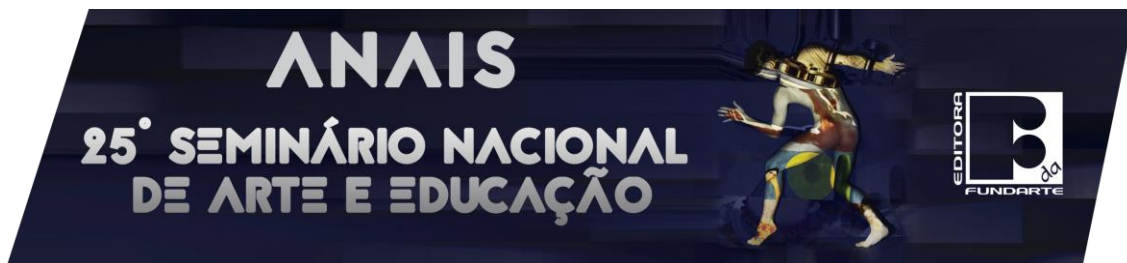


Ver, fazer, compartilhar... expandir

Na experiência continuada que os participantes do Projeto “JFNE” tiveram no período em que se desenvolveu a pesquisa, as vivências que tiveram enquanto praticantes, espectadores e mediadores teatrais permitiram que traçasse alguns apontamentos.

Conforme as anotações dos estudantes presentes em seus próprios diários, observei que os vínculos estabelecidos durante o processo foram com a prática e a apreciação teatrais, tanto que nos relatos alguns indicam que querem continuar a relação com o Teatro, assistindo ou praticando. Com as idas mensais a espetáculos, a distância entre os sujeitos e as obras artísticas foi minimizada e novos horizontes de criação se apresentaram aos jovens. Sobretudo, as relações interpessoais se acentuaram. Nos encontros semanais, nas idas ao Teatro, nas oficinas coordenadas pelos participantes, pouco a pouco, fui notando que os estudantes estavam mais afinados uns com os outros, que laços de amizade se estreitavam e se fortaleciam. Penso que os jovens assumiram uma nova postura em relação ao seu “estar” no mundo, tornando-se mais autônomos.

Em relação ao processo pedagógico aplicado, assim como na experiência relatada e analisada por Rancière (2002) no livro “O Mestre Ignorante”, acreditei no aprendizado que advém da experiência, da vivência dos educandos frente a algo novo, da descoberta que é feita a partir de relações e de comparações. Os objetos não exigem explicação, pois apresentam-se aos sujeitos e pedem por uma compreensão particular que busca pelas referências que eles têm no processo de construção de conhecimento. Aos participantes do Projeto coube traduzir o que viam nos espetáculos a partir de seu repertório, ou seja, das experiências que foram tendo nas oficinas práticas. Liam, então, os símbolos e os associavam àqueles que já conheciam. Da mesma forma, os jogos e demais atividades nas oficinas puderam ser comparados às situações e modos de fazer Teatro expostos nas



cenas das montagens assistidas. No trânsito entre o *ver* e o *fazer* o conhecimento teatral e de espectador de Teatro foi se construindo. E, como foi a proposta do “JFNE”, a terceira etapa desse processo, o *compartilhar*, foi a tentativa de consolidar os saberes ou, a menos, de difundi-los e, assim, expandir a experiência teatral.

Referências

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2011.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista brasileira de educação*, Belo Horizonte, p. 20-28, n. 19, jan./abr. 2002.

MOLINA, William Fernandes. *Jovens Formadores para Novos Espectadores: uma experiência expandida em Teatro, Mediação e Educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 205f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Departamento de Arte Dramática, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.